

DISCURSOS E PRÁTICAS FUNDAMENTALISTAS NA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

Robson da Costa de Souza *

RESUMO: Em diversas ocasiões, os líderes da Igreja Presbiteriana do Brasil revelaram o desejo de uma equidistância teológica dos extremos liberais e fundamentalistas. Entretanto, os discursos e as práticas dessa instituição eclesiástica contrastam com esse posicionamento oficial. Além disso, essa pretensa posição de equidistância dos extremos liberais e fundamentalistas não denota fronteiras rígidas, mas é um instrumento eficaz de legitimação do poder nos momentos de reconfiguração do campo religioso, principalmente em situações de crises internas. Outrossim, após a redemocratização do Brasil e o conseqüente aumento de pluralismo religioso, houve a transformação do campo social brasileiro, provocando dificuldades em setores mais conservadores dessa instituição. Atualmente, procura-se revitalizar a própria tradição religiosa diante das ameaças de sua dissolução impostas pelos processos emancipatórios modernos e pela influência das concepções seculares e supostamente atéias da vida (como o feminismo, a luta em defesa dos direitos reprodutivos, a união civil entre pessoas do mesmo sexo, o chamado “movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros” etc.). No campo religioso, os resultados imediatos dessa postura de reação em face das transformações sociais impostas pela modernidade são: (1) misoginia; (2) aquela manifestação de ativismo político-religioso de caráter conservador – os protestantes de pendor fundamentalista, cuja expansão no Brasil se vem processando há muitas décadas, em ritmo sabidamente veloz, com base em um modelo de proselitismo muito bem-sucedido entre as camadas mais pobres da população brasileira, por todo território nacional.

Palavras-chave: Protestantismo brasileiro; fundamentalismo religioso; poder e gênero.

Introdução

Após os atentados de 11 de setembro de 2001, artigos, fotos e análises sobre este evento pulularam nos jornais e revistas nacionais e estrangeiras, refletindo sobre a tensão entre sociedade secular e religião.¹ De fato, depois dos atentados, o assunto esteve na agenda de diversos intelectuais, trazendo à tona a temática do fundamentalismo religioso.² Obviamente, a houve uma polarização ideológica em torno da questão. Alguns dias depois do trágico acontecimento, um artigo do escritor José Saramago foi publicado pela *Folha de São Paulo*. Na perspectiva de Saramago, o “fator Deus” estaria na base dos inúmeros sofrimentos, violências e morticínios que

* Possui graduação em Teologia – Centro Universitário Metodista Bennett. Possui pós-graduação em Ciências da Religião (Especialização na Universidade Gama Filho, RJ, Brasil). Atualmente está matriculado no programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, UMESP, Brasil. robssouza@gmail.com

¹ 11 de Setembro: Ano 2. *IHU On-Line*, São Leopoldo, RS, ano 2, n. 34, p. 1-8, set. 2002. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1161371332.29pdf.pdf>>. Acesso em : 24 mai. 2008.

² “Crer e saber”, discurso proferido por Jürgen Habermas em outubro de 2001, desencadeou um grande debate no meio acadêmico, do qual participaram R. Rorty, G. Vattimo, J. Derrida, R. Debray, entre outros. Cf. *Ibid.*, p. 1.

pontuam o cenário histórico atual. Saramago possui a seguinte opinião acerca do assunto:

Já foi dito que as religiões, todas elas, sem exceção, nunca serviram para aproximar e congregar os homens, que, pelo contrário, foram e continuam a ser causa de sofrimentos inenarráveis, de morticínios, de monstruosas violências físicas e espirituais que constituem um dos mais tenebrosos capítulos da miserável história humana. Ao menos em sinal de respeito pela vida, deveríamos ter a coragem de proclamar em todas as circunstâncias esta verdade evidente e demonstrável, mas a maioria dos crentes de qualquer religião não só fingem ignorá-lo, como se levantam iracundos e intolerantes contra aqueles para quem Deus não é mais que um nome, nada mais que um nome, o nome que, por medo de morrer, lhe pusemos um dia e que viria a travar-nos o passo para uma humanização real. Em troca prometeram-nos paraísos e ameaçaram-nos com infernos, tão falsos uns como outros, insultos descarados a uma inteligência e a um sentido comum que tanto trabalho nos deram a criar.³

Ainda sobre o assunto, outros autores fizeram uma leitura mais otimista. Sérgio Paulo Rouanet, por exemplo, no artigo “A volta de Deus”, publicado também na *Folha de São Paulo*, afirma o seguinte:

Pois bem, se os atentados de setembro acentuaram a aversão da opinião pública ocidental ao fundamentalismo, tem-se a impressão de que, em compensação, aumentaram a receptividade para a atitude religiosa como tal. Não se pode mais dizer o que um famoso jornalista do século 19 alegou ao recusar a publicação de um artigo sobre a religião: ‘Deus não é um tema atual’.⁴

Ou seja, se a religião conheceu a indiferença de muitos intelectuais, advoga-se, atualmente, um certo “reencantamento do mundo”⁵, isto é, uma inversão daquele processo que Max Weber considerava típico da modernidade: a secularização.⁶ De

³ SARAMAGO, José. O fator Deus. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 set. 2001. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/arq19.htm>>. Acesso em: 9 fev. 2006.

⁴ O artigo de Sérgio Paulo Rouanet foi reproduzido na íntegra pela *IHU On-Line*. Cf. 11 de Setembro: Ano 2. *Loc. cit.*

⁵ “Reencantamento do mundo” X “Desencantamento do mundo”. Para uma análise do conceito weberiano de “desencantamento do mundo”, ver a seguinte obra: PIERUCCI, Antônio Flávio. *O Desencantamento do Mundo*. São Paulo: Editora 34, 2003. 236p.

⁶ Verifica-se hoje em dia uma presença viva do fenômeno religioso, pois os movimentos religiosos crescem rapidamente. Outrossim, a crise das instituições religiosas tradicionais e o avanço do fundamentalismo são fenômenos que marcam o cenário religioso contemporâneo. Apressadamente alguns sociólogos da religião interpretaram essa revitalização religiosa como o fim do processo de secularização. Outros argumentam que o número e a variedade de movimentos espirituais crescem justamente sob o impacto da secularização na medida em que ela significa, ou implica, declínio geral do compromisso religioso. A pesquisa parte do seguinte pressuposto: a secularização é um dado incontestado da modernidade. Nesse sentido, os movimentos fundamentalistas crescem justamente sob o impacto dos processos de racionalização das diferentes esferas culturais de valor e dos modos de levar a vida. Trata-se, por sinal, do que já “aconteceu” e não apenas do que “vai acontecer” com a religião do Ocidente,

fato, apesar do intenso processo de secularização instaurado pela modernidade, grupos religiosos fundamentalistas crescem rapidamente, inclusive no Brasil. A questão do fundamentalismo torna-se mais complexa, é claro, quando posta no plano internacional. Na sociedade estadunidense, e em outras partes do mundo, o fundamentalismo cristão ganhou força, após um período de aparente extinção.⁷ Na dinâmica da globalização, a variedade dos confrontos e sua densidade ultrapassam os limites conhecidos.

Concomitantemente, o século XX conheceu o declínio das religiões tradicionais. Analisando a composição religiosa da população brasileira, Antônio Flávio Pierucci afirma que três das principais religiões classificadas pela sociologia como tradicionais (o catolicismo, o luteranismo e a umbanda) “mostram hoje sérios sinais de cansaço, mais do que isso, de exaustão em sua capacidade de reprodução ampliada”.⁸ À medida que as sociedades se modernizam e ao se modernizar se diferenciam, as religiões tradicionais majoritárias perdem terreno.⁹ E o Brasil continua mudando gradualmente quanto aos componentes religiosos de sua cultura plural e sempre mais se destradicionalizando em termos religiosos.¹⁰ Explicando este processo de mudança, Pierucci afirma que:

Nas sociedades pós-tradicionais, *et pour cause*, decaem as filiações tradicionais. Nelas os indivíduos tendem a se desencaixar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes pudessem parecer. Desencadeia-se nelas um processo de desfiliação em que as pertencas sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais e, mais que isso, revisáveis, e os vínculos, quase só experimentais, de baixa consistência. Sofrem fatalmente com isso, claro, as religiões tradicionais.¹¹

Em face das conseqüências desse processo de “destradicionalização”, os católicos conservadores e os evangélicos de cunho marcadamente fundamentalista, pentecostais ou protestantes históricos, buscam sua inserção nos processos políticos da

conforme destaca Antônio Flávio Pierucci. Cf. PIERUCCI, Antônio Flávio. “Reencantamento e dessecularização. A propósito do auto-engano em sociologia da religião”. In *Novos estudos Cebrap*. 1997a, nº 49.

⁷ Ver CARDOSO, Alexandre; NETO; Manoel de Almeida; LEITE, Cláudio Antônio Cardoso. O Governo de George W. O Governo de George W. Bush e o Fundamentalismo Protestante. In: PEREIRA, Mabel. SANTOS, Lyndon (org.) *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 77-98.

⁸ PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, 2005, p. 17.

⁹ *Ibid.*, p. 18.

¹⁰ *Ibid.*, p. 21.

¹¹ *Ibid.*, p. 19.

nação brasileira, lutando, em nome dos “fundamentos da fé cristã”, contra a modernidade.

Nos capítulos a seguir, procura-se aprofundar a análise do chamado protestantismo histórico, relacionado a recente mudança de comportamento de determinadas instituições religiosas ao revigoramento de identidades fundamentalistas. O contexto mais amplo desta pesquisa é a análise do fundamentalismo no contexto da Igreja Presbiteriana do Brasil, trabalho ainda em fase de desenvolvimento, orientado pela Profa. Dra. Sandra Duarte de Souza, membro do corpo docente da Universidade Metodista de São Paulo. A escolha da pesquisa recaiu sobre a Igreja Presbiteriana do Brasil, pois, desde 2002, ano em que o Rev. Guilhermino Cunha perdeu a eleição da presidência do Supremo Concílio da IPB¹², esta denominação religiosa tem apresentado sinais visíveis de mudança.

Em suma, a complexa mudança ocorrida no campo religioso brasileiro e a alteração comportamental de instituições religiosas em face do aumento quantitativo de identidades fundamentalistas pontuam o texto a seguir.

1. A Igreja Presbiteriana do Brasil e o princípio da “equidistância teológica dos extremos liberais e fundamentalistas”

O nome “fundamentalistas” foi cunhado para se referir aos pastores, presbíteros e professores conservadores estadunidenses de todas as denominações históricas que se coligaram para “defender” a fé cristã da intrusão do liberalismo teológico nos seus seminários e igrejas.¹³ Veronica Melander afirma que “os liberais

¹² Na Igreja Presbiteriana do Brasil, o Supremo Concílio exerce jurisdição sobre todos os Concílios. Guilhermino Cunha, pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, foi presidente do Supremo Concílio da IPB por dois mandatos (1994 a 2002). “Os Concílios da Igreja Presbiteriana do Brasil em ordem ascendente são: a) o Conselho, que exerce jurisdição sobre a Igreja local; b) o Presbitério, que exerce jurisdição sobre os ministros e conselhos de determinada região; c) o Sínodo, que exerce jurisdição sobre três ou mais Presbitérios; d) o Supremo Concílio, que exerce jurisdição sobre todos os Concílios” (CI/IPB, Art. 62).

¹³ O modernismo teológico se distinguiu, primeiramente, pela aceitação das teorias das ciências da natureza a respeito da idade e forma de surgimento do universo e da vida. Outro pressuposto incorporado pelo modernismo teológico é a chamada **teoria das fontes**, caracterizada, principalmente, pela rejeição da autoria mosaica do Pentateuco. Um terceiro pressuposto, da história das religiões comparadas, propugnava a influência determinante das religiões dos povos vizinhos de Israel na formação das tradições do judaísmo primitivo. Provém igualmente do âmbito do estudo das religiões o quarto pressuposto adotado pelo modernismo teológico. Trata-se da **teoria da revelação progressiva**, ou do progresso religioso, para a qual houve um progresso gradual na formulação das crenças e costumes dos povos, determinado por fatores naturais, econômicos, políticos e mesmo religiosos. Outro traço distintivo do modernismo teológico foi a aceitação do naturalismo como explicação filosófica do mundo. Consequentemente, os historicidade dos acontecimentos sobrenaturais narrados pela Bíblia (o nascimento

também se caracterizavam pelo otimismo, pelo anti-formalismo (envolvendo o questionamento de credos e instituições religiosas), pela ênfase na ética, pela imanência de Deus, pelo anti-sectarismo e pela vinculação à alta crítica bíblica”.¹⁴

Historiando estes fatos, Augustus Nicodemus Lopes detalha que:

O nome foi usado por três motivos. Primeiro, os conservadores insistiam que o liberalismo atacava determinadas doutrinas bíblicas que eram fundamentais do cristianismo e que, ao negá-las, transformava o cristianismo em outra religião, diferente do cristianismo bíblico. Segundo, a publicação em 1910-1915 da série Os Fundamentos, 12 volumes de artigos escritos por conservadores onde defendiam os pontos fundamentais do cristianismo e atacavam o modernismo, a teoria da evolução etc., dos quais foram publicadas 3 milhões de cópias e espalhadas pelos Estados Unidos. Há artigos de eruditos conservadores como J. G. Machen, John Murray, B. B. Warfield, R. A. Torrey, Campbell Morgan e outros. E terceiro, a elaboração de uma lista dos pontos considerados fundamentais do cristianismo.¹⁵

Em 1920¹⁶, o termo “fundamentalistas” foi empregado por conservadores batistas para designar todos aqueles que lutassem em favor dos seguintes pontos: (1) A inspiração, infalibilidade e inerrância das Escrituras; (2) a divindade de Cristo; (3) o nascimento virginal de Cristo e os milagres; (4) o sacrifício propiciatório de Cristo; (5) Sua ressurreição literal e física e seu retorno. Nesta fase inicial (até meados da década de 1920), os conservadores, a esta altura já conhecidos como “fundamentalistas”, se organizam em associações e em movimentos dentro das denominações, pois a grande maioria delas foi afetada por essa temática.¹⁷

virginal de Jesus, seus milagres e sua ressurreição) foi rejeitada. Um sexto pressuposto diz respeito à contribuição de Adolf von Harnack, teólogo e historiador liberal do pensamento cristão. Para Harnack, o cristianismo primitivo teria sido deturpado por São Paulo. Um último elemento que caracterizou o modernismo teológico foi a aceitação do emprego de métodos e técnicas originários das ciências históricas, sociais e naturais no estudo da Bíblia e de seus manuscritos, com ampla e conhecida repercussão na reflexão teológica. Cf. VELASQUES FILHO, Prócoro. O nascimento do “racismo” confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo. In: MENDONÇA, Antônio Gouveia; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola & Ciências da Religião*, 2002, p. 112-115.

¹⁴ MELANDER, Veronica. Os limites da categoria “fundamentalismo” para o estudo de religião e política na Guatemala. *Ciências Sociais y Religião/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p 89-90, set. 2000.

¹⁵ LOPES, Augustus Nicodemus. *Fundamentalismo e Fundamentalistas*. Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/artigos/download/fundamentalismoefundamentalistas.doc>>. Acesso em: 20 set. 2004.

¹⁶ Para Veronica Melander, houve uma coalizão de protestantes conservadores que tentaram purificar as igrejas da presença dos liberais. A “controvérsia liberal-fundamentalista” atingia principalmente igrejas batistas e presbiterianas brancas. Cf. MELANDER, Veronica. *Op. cit.*, p. 90.

¹⁷ LOPES, Augustus Nicodemus. *Loc. Cit.*

Os fundamentalistas tentam também, através dos meios políticos, promulgar leis federais e nos estados, proibindo o ensino do evolucionismo. Mas, são derrotados no caso Scopes (1925)¹⁸, o julgamento de um professor de escola secundária que ensinava evolução em classe. Gradativamente o movimento fundamentalista começa a adotar o pré-milenismo como um dos pontos fundamentais da fé cristã, o que provocará na fase seguinte um importante racha no movimento.¹⁹

Em suma, pode-se afirmar que o conservadorismo protestante é de constituição relativamente recente. Surgiu na Inglaterra e nos Estados Unidos em fins do século XIX. Apresentando-se como esforço de fidelidade ao sentido literal dos ensinamentos bíblicos, o conservadorismo protestante representava, na verdade, reação ao modernismo teológico, ou, como alguns historiadores preferem, ao liberalismo teológico.

A polêmica teve repercussão também aqui. Para Antônio Gouvêa Mendonça, o protestantismo no Brasil foi a ponta da linha das lutas teológicas que se travaram nas Igrejas-mães, nas suas matrizes, no período de consolidação da sociedade estadunidense.²⁰ Conforme veremos a seguir, o “protestantismo de missão” trouxe as idéias vencidas, minoritárias e residuais.²¹

Além disso, no cenário brasileiro, os protestantes foram perseguidos, estigmatizados e humilhados. O núcleo da mensagem missionária protestante era a conversão do indivíduo de sua vida pecaminosa (modo de vida anterior) à vida regenerada de seguidor de Jesus Cristo (novo modo de vida expresso numa nova ética). Nesse sentido, o protestantismo brasileiro identificou-se com a ortodoxia

¹⁸ Ivo Pedro Oro esclarece que “o campo dessa batalha era o ensino público [...] Foi aberto um processo contra um professor de biologia, no Tennessee, por defender que o homem descende do macaco. O caso passou a ser conhecido como ‘processo da macaca’. Coisas desse gênero passaram a ser vistas como uma obsessão por grande parte da população, atraindo para o movimento o descrédito gradativo da opinião pública” Cf. ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 63.

¹⁹ **Pré-milenismo:** Crença em um reino literal de Cristo na face da terra por um período de mil anos, que se iniciará com a sua vinda, inaugurando-o. Ele se entende também como o ponto de vista que situa o arrebatamento e a vinda de Cristo antecedendo o Milênio.

²⁰ Cf. MENDONÇA, Antônio Gouveia. *Op. cit.*, p. 136.

²¹ O protestantismo que se instalou no Brasil em virtude da chamada “Era Missionária” é formado principalmente por congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais. Para uma análise da *evolução histórica e configuração atual* do Protestantismo no Brasil, ver MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002. Nessa obra, o leitor encontrará uma breve exposição acerca dos diversos “protestantismos”. Entretanto, os autores focaram principalmente o “protestantismo de missão”, procurando explicar o descompasso entre o protestantismo brasileiro e a sociedade brasileira.

fundamentalista. Não se discute doutrina, assim como não se contestam padrões de comportamento. Ambos expressam a verdade revelada de Deus. A comunidade não tem o direito de repensar e redefinir esses limites.²²

Nesse cenário, os presbiterianos, filhos do protestantismo de missão, surgiram no Brasil em 1859 com a chegada do missionário estadunidense Ashbel Green Simonton (1833-1867) ao Rio de Janeiro, onde, em 1862, fundou a primeira igreja presbiteriana. Em 25 de julho de 1860, chega ao Brasil outro missionário presbiteriano, o Rev. Alexandre Latimer Blackford (1829-1890), cunhado de Simonton. Em setembro de 1888 foi organizado o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, que se tornou assim autônoma, desligando-se das igrejas-mães estadunidenses. Por razões históricas, o protestantismo brasileiro, notadamente a Igreja Presbiteriana do Brasil, tem as marcas do conservadorismo.²³ Sobre o protestantismo que se instalou no Brasil, Antônio Gouvêa Mendonça afirma que:

Sua pregação individualista, ascética, conversionista e apocalíptica encontrou ressonância nos setores rurais formados pelos ‘homens livres e pobres’. A difusão posterior do movimento fundamentalista no interior das Igrejas originárias do movimento missionário acrescentou um traço definitivo ao perfil desse tipo de protestantismo.²⁴

Atualmente, alguns líderes da Igreja Presbiteriana do Brasil insistem em afirmar que o fundamentalismo, como movimento, “não tem mais expressão no

²² Essa ênfase na doutrina da santificação é fruto da “Era Metodista”. Os metodistas acreditavam ser possível chegar à certeza da salvação através do processo de santificação. As obras da fé – a santificação – eram a certeza da salvação. Ao afirmar a interioridade do Reino de Deus, Wesley pretendeu ressaltar que os padrões de comportamento são individuais. Mesmo nos grupos que têm preocupação assistencialista, a ética continua sendo individualista. É pela conversão e pela transformação do comportamento, isto é, a santificação de cada indivíduo, que a sociedade será transformada. Nesse caso, a ética social seria apenas a coletivização através da adesão voluntária, da ética individual. Sendo individualista, a ética protestante gerou um comportamento de submissão às normas pré-estabelecidas pela comunidade ou pela autoridade religiosa. Ao membro da comunidade cabe apenas a obrigação de cumprir o que é determinado como correto e afastar-se dos interditos. *Vide* VELASQUES FILHO, Prócoro. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. *In*: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Op. cit.*, p. 205-232.

²³ Ver ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Editora Ática, 1979. Nessa obra, Rubem Alves procura explicar o comportamento exclusivista da Igreja Presbiteriana do Brasil, valendo-se de um tipo ideal para atingir seus objetivos. Em função dos dados empíricos retirados da IPB, esse autor eluciou o “Protestantismo da Reta Doutrina”. Com transparência metodológica e rigor epistemológico, a obra de Alves procurou descrever os mecanismos de manutenção do poder utilizados pelo protestantismo brasileiro no controle do comportamento de seus adeptos. Para Rubem Alves, esse tipo de protestantismo apresentava-se como um sistema simbólico ávido para aprisionar as consciências de seus seguidores, desenvolvendo desde sua implantação formas sofisticadas de controle. Na verdade, Rubem Alves pesquisou um protestantismo tímido, estagnado, distante da tradição do protestantismo histórico e marcado principalmente pelo seu conflito com a religião do colonizador.

²⁴ Cf. MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Op. cit.*, p. 133.

quadro evangélico nacional”.²⁵ Além disso, em diversas ocasiões, os líderes da Igreja Presbiteriana do Brasil revelaram desejo de uma equidistância teológica dos extremos liberais e fundamentalistas, primando pelo equilíbrio e pela independência de seus posicionamentos.²⁶

Em momentos de controvérsia, o termo “equidistância” e seus derivados reaparecem nos pronunciamentos oficiais dessa denominação religiosa. Entretanto, uma análise criteriosa demonstra que o conceito foi evocado por grupos opostos nos conflitos internos da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Na IPB, o termo “equidistância” ganhou destaque em 1990.²⁷ Diante da possibilidade de convocação de uma Constituinte com vista a uma Reforma da Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil²⁸, o Supremo Concílio resolveu nomear uma Comissão Especial para elaborar um anteprojeto de reforma na atual Constituição, Código de Disciplina e Princípios de liturgia, recomendando “a inclusão no texto constitucional do posicionamento de equidistância, quanto aos dois movimentos internacionais”.²⁹

Em 2001, a polêmica girou em torno da educação teológica da IPB, envolvendo professores do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e Seminários, além de um membro suplente da Junta de Educação Teológica.³⁰ A crise

²⁵ LOPES, Augustus Nicodemus. *Loc. Cit.*

²⁶ Ver, por exemplo, o seguinte documento: IPB (2006). *Resoluções do Supremo Concílio. SC-2006- Doc. XI*. Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br/>>. Acesso em: 22 jan. 2008.

²⁷ IPB (1990). *Resoluções do Supremo Concílio. SC-1990- Doc. CXLIV*. Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br/>>. Acesso em: 4 ago. 2008.

²⁸ Na Igreja Presbiteriana do Brasil, o poder é regulado pela Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil, promulgada aos 20 de julho de 1950. O governo da comunidade local reside no Conselho, que se compõe de pastor ou pastores e dos presbíteros (homens leigos, eleitos pela comunidade). As mulheres, membros da igreja, não podem ser votadas.

²⁹ **Dois movimentos internacionais** – Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC). Na interpretação da Igreja Presbiteriana do Brasil, o primeiro representa o movimento liberal. O segundo seria o representante do movimento fundamentalista. Destaca-se que a IPB jamais aceitou qualquer aproximação com Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Outrossim, jamais tolerou práticas ecumênicas por obreiros e igrejas sob sua jurisdição. Em 1970, o Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil resolveu “proibir pastores e oficiais da Igreja jurisdicionados à Igreja Presbiteriana do Brasil de participarem da direção de cerimônias de culto na Companhia de sacerdotes católico-romanos” (*SC-1970- Doc. 2*). Na década de 1980, recomendou-se ao Presbitério Rio-Norte a instauração de processo eclesiástico contra obreiros envolvidos em práticas ecumênicas (*CE-1980- Doc. 97*). Recentemente, a IPB retirou-se da filiação da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas (AMIR), pois essa organização ecumênica não estaria alinhada à ortodoxia presbiteriana em temas como “a infalibilidade das Escrituras, o ecumenismo, o aborto, o feminismo e a sexualidade” (*SC-2006- Doc. 11*).

³⁰ IPB (2001). *Resoluções da Comissão Executiva. CE-2001- Doc. CLIII*. Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br/>>. Acesso em: 10 fev. 2008.

JET/ CPPGAJ prolongou-se durante meses e resultou na demissão de professores, gerando um embate institucional entre os Concílios da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Em 2006, em face de uma controvérsia, dois grupos distintos evocaram o mesmo “princípio de equidistância”. Naquela ocasião, o Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil recebeu diversos documentos sugerindo a suspensão da filiação da IPB à Aliança Mundial de Igrejas Reformadas (AMIR). Entretanto, o Sínodo do Rio de Janeiro encaminhou ao Supremo Concílio propostas feitas pelo Presbitério do Rio de Janeiro “no sentido da IPB reafirmar seu posicionamento histórico de equidistância de extremos fundamentalistas e liberais e manter sua posição de membro da AMIR”. O Supremo Concílio não só reafirmou o “princípio da equidistância”, mas também retirou-se da filiação da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas (AMIR).³¹

Recentemente, o princípio da “equidistância dos extremos liberais e fundamentalistas” conviveu com uma série de conflitos internos envolvendo, por exemplo, a qualificação de pessoas que ocupam os púlpitos da Igreja Presbiteriana do Brasil. O Dr. Samuel Doctorian³², pregador itinerante, ocupou o púlpito da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro algumas vezes, a convite do Rev. Guilhermino Cunha, pastor daquela Igreja. Em 2002, vários concílios da Igreja Presbiteriana do Brasil solicitaram ao Supremo Concílio pronunciamento e providências sobre os ensinamentos do Dr. Samuel Doctorian. Depois de deliberar sobre o assunto, o Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil resolveu “proibir de toda e qualquer forma a concessão da palavra ao Dr. Samuel Doctorian na IPB, bem como a promoção, divulgação e comercialização dos ensinamentos, por todos os ministros, concílios e entidades, sob pena de disciplina”.³³

³¹ Cf. IPB (2006). *Resoluções do Supremo Concílio. SC-2006- Doc. XI*. Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br/>>. Acesso em: 22 jan. 2008.

³² “Samuel Doctorian é um pastor de origem armênia, nascido em Beirute. Obteve sua graduação em Teologia no *Hurlet Nazarene College*, na Escócia, e foi ordenado em 1951. Desde 1952, Samuel Doctorian tem rodado o mundo pregando avivamento em igrejas evangélicas, católicas e ortodoxas”. Cf. MORAES, Ludgero Bonilha. Samuel Doctorian e a heresia montanista. *Brasil Presbiteriano*, São Paulo, janeiro de 2004. Disponível em: <http://www.rpc.org.br/versao_pdf/bp_janeiro2004.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2008.

³³ IPB (2002). *Resoluções do Supremo Concílio. SC-IPB-2002 Doc. XV*. Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br/>>. Acesso em: 22 jan. 2008. A polêmica foi intensificada quando o escritor Rubem Alves participou de cerimônia religiosa da Igreja Presbiteriana de Copacabana, em 31 de outubro de 2003, por ocasião das comemorações pela Reforma Protestante. Rubem Alves é de Tradição Protestante, mas considerado *persona non grata* na Igreja Presbiteriana do Brasil, pelas suas posições teológicas.

A “Questão Doctorian” e a “Questão Rubem Alves” são lados da mesma moeda. Demonstram que as práticas inquisitoriais continuam em operação na Igreja Presbiteriana do Brasil. Porém, os conflitos intensificaram-se a partir de 2001, gerando um conjunto de práticas institucionais repressivas, conforme revelam as atas dos diversos concílios da IPB.

Percebe-se que esta pretensa “posição de equidistância dos extremos liberais e fundamentalistas” não denota fronteiras rígidas, mas é um instrumento eficaz de legitimação do poder nos momentos de mudança do campo religioso, principalmente em situações de crises internas.³⁴ Para Daniel Alexander,

[os fundamentalistas] acham que não existe uma oposição bipolar entre bons conservadores e extremistas modernistas, mas antes uma *estrutura tripartida*: à *direita* estão os que voltam as costas a seu próprio tempo, e que eles chamam de *tradicionalistas*; na extrema *esquerda* acham-se os que estão dispostos a sacrificar tudo à modernidade, e a estes eles chamam de *modernistas* porque compreendem equivocadamente sua própria época. No meio dos dois, os fundamentalistas pretendem encontrar o exato equilíbrio.³⁵

Na Igreja Presbiteriana do Brasil, a cosmovisão fundamentalista, impregnada da idéia de equilíbrio, permite que os sujeitos sociais evoquem, sempre que necessário, o conceito de “equidistância dos extremos liberais e fundamentalistas”, legitimando posturas fundamentalistas em face dos conflitos internos. No próximo capítulo, procura-se explicar o recrudescimento de práticas fundamentalistas no interior da Igreja Presbiteriana do Brasil.

2. Identidades fundamentalistas em face dos processos emancipatórios modernos

No final do século XX e início do século XXI, surge com a globalização uma realidade social muito complexa. Houve uma intensificação das migrações populacionais entre diferentes países e continentes, levando diversos grupos religiosos a compartilhar um mesmo espaço residencial ou profissional. Concomitantemente, graças aos novos recursos tecnológicos, a cultura passa a ser elaborada também em escala mundial, fazendo surgir novos padrões, linguagens e valores socioculturais

³⁴ As lutas internas em torno do poder emergem na própria comunidade local, pois os presbíteros, devido aos seus privilégios constitucionais, competem entre si e especialmente com o(s) pastor(es). Outrossim, a luta pelo poder também ganha corpo nos Concílios superiores ao Conselho.

³⁵ ALEXANDER, Daniel. Is Fundamentalism an Integrism? *Social Compass*, ano 32, n. 373, 1985. Disponível em: <<http://scp.sagepub.com/cgi/content/abstract/32/4/373>>. Acesso em: 27 de fev. 2007.

internacionais.³⁶ Hoje é possível percorrer o mundo sem sair de casa através da televisão e da internet. Além disso, as informações são processadas em tempo real. É possível comunicar-se com pessoas em qualquer parte do mundo através de tecnologias que se propagam por satélites. De fato, esse novo cenário cultural pode gerar benefícios aos movimentos religiosos, pois algumas instituições encontraram no processo de globalização uma grande oportunidade:

A era da informática coloca à disposição das organizações religiosas um conjunto de mecanismos de alcance transnacionais até então pouco usuais. Certamente elas sempre tiveram a preocupação de se organizar em escala ampliada (livros, catecismos, rádio, jornais), porém, a tecnologia de que dispunham conhecia várias restrições. Mesmo a televisão tinha um raio de difusão relativamente pequeno, predominantemente nacional, como o tele-evangelismo. Hoje, a transmissão a cabo e por satélite permite que programas religiosos circulem nos lugares mais diversos e mais distantes. O advento da Internet possibilita ainda a emergência de uma literatura religiosa *on line* (que se contrapõe aos jornais de circulação limitada). Os meios de comunicação impulsionam a globalização da educação teológica e a coordenação de ações públicas (encontros, congressos, protestos etc.) com uma eficiência bem superior ao passado.³⁷

Observam-se, igualmente, uma ampliação e intensificação de várias formas de intercâmbio cultural e religioso, em particular entre o Ocidente e o Oriente. Renato Ortiz argumenta que diante do processo de globalização, as religiões têm potencialidades que lhes são favoráveis.³⁸

Se entendermos poder como potência, capacidade de realizar certos objetivos em determinadas situações concretas, no mundo contemporâneo, as instituições religiosas e as empresas transnacionais, por se definirem como ‘além das fronteiras’, dispõem de potencialidades que lhes são favoráveis para agir em escala globalizada (isso certamente irá variar com as situações em que estão inseridas essas instituições).³⁹

³⁶ SODRÉ, Olga. Globalização e pluralismo. Guerra e violência ou paz e diálogo (A dinâmica da identidade-alteridade e o diálogo inter-religioso monástico na pós-modernidade). In: PEREIRA, Mabel; SANTOS, Lyndon (org.) *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 20-24.

³⁷ ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 16, n. 47, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 Jul 2007. Pré-publicação. No mesmo artigo, o autor afirma que a ambigüidade que o fundamentalismo islâmico alimenta em relação a essas tecnologias é significativa. Por um lado, são vistas como suportes de uma “cultura ocidental” indesejável, o inimigo a ser combatido; por outro, são instrumentos imprescindíveis para a propagação de suas mensagens.

³⁸ *Id. Loc. cit.*

³⁹ *Id. Loc. cit.*

Mas o processo de globalização significa também, em muitos aspectos, nivelamento das diferenças e ameaça das singularidades culturais. Para Leonardo Boff, as religiões são ingredientes poderosos na construção das identidades dos povos. Quando determinadas culturas “se sentem ameaçadas pela globalização, se agarram à religião para auto-afirmar-se”.⁴⁰ Na Igreja Presbiteriana do Brasil, a globalização tem sido motivo de inquietação:

A globalização e as novas tecnologias de comunicação fazem as informações circularem hoje com muita rapidez. Com isso, novas idéias, conceitos e comportamentos vão se espalhando e se estabelecendo com maior velocidade. Em meio a todo esse barulho, como os cristãos saberão responder, com ética e espiritualidade, à “nova ordem mundial” e seus novos padrões?⁴¹

Na procura das causas do recente recrudescimento das práticas fundamentalistas, a pesquisa procura demonstrar como a interação de determinados elementos da modernidade (globalização, pluralismo religioso e secularização, por exemplo) facilitou o fortalecimento de identidades fundamentalistas no contexto do protestantismo brasileiro, notadamente na Igreja Presbiteriana do Brasil.⁴²

A partir das contribuições de Anthony Giddens, procura-se compreender a inquietação da Igreja Presbiteriana do Brasil em face da globalização, pois esse autor tenta relacionar a teoria do fundamentalismo em conflitos locais e a transformação da tradição pela globalização, falando sobre um novo impacto do fundamentalismo. As contribuições de Giddens ganham relevância, pois sua teoria também articula

⁴⁰ Cf. BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, pp. 35-36.

⁴¹ FERREIRA, Letícia. Ética cristã deve ser pautada no amor e na Bíblia. *Brasil Presbiteriano*, São Paulo, outubro de 2004. Disponível em: < http://www.ipb.org.br/versao_pdf/bp_outubro2004.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2007. No mesmo artigo, a inquietação da colunista ganha contornos mais precisos: “Atualmente, é comum se ouvir que não é ético se pronunciar contra o homossexualismo, mas a Bíblia o faz. A maneira como um cristão deve pensar e se pronunciar em uma questão como essa ou tantas outras que estão na pauta do dia, como o uso de células-tronco para pesquisas, aborto em caso de violência sexual ou doença fatal do feto, eutanásia, divórcio e segundo casamento (para citar poucas), deve ser cuidadosamente analisada à luz da Palavra”. Para discutir o tema, a Chancelaria e a Capelania do Instituto Presbiteriano Mackenzie (IPM), em São Paulo, promoveram o **Primeiro Seminário Ética & Espiritualidade**, de 16 a 18 de setembro de 2004, no Centro de Convenções Santa Mônica, em Guarulhos (SP).

⁴² Alguns líderes presbiterianos acreditam que o pluralismo religioso representa um grande desafio para a instituição. De fato, para a liderança da Igreja Presbiteriana do Brasil, o pluralismo representa uma ameaça aos valores cristãos. Ao considerar o relatório do então secretário geral do trabalho da mocidade presbiteriana, Rev. Walcyr Gonçalves, a Comissão Executiva do Supremo Concílio da IPB manifestou sua preocupação em face da “ameaça dos valores cristãos pelo pluralismo do pós-modernismo e a invasão avassaladora da Internet, de um lado uma benção e de outro, armadilha perigosa”. Cf. IPB (2005). *Resoluções da Comissão Executiva. CE-SC/IPB-2005 – Doc. CXXX*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/documentos_oficiais/Resolucoes_CE_2005.doc>. Acesso em: 22 mai. 2006.

conceitos que estão diretamente relacionados com o fundamentalismo protestante (globalização, violência de gênero etc.).⁴³

Para Giddens, numa situação de cosmopolitismo cultural forçado, o fundamentalismo surge por todos os cantos, não apenas em termos religiosos, mas também de nacionalismo, de etnicidade, mesmo em termos de gênero e de culturas locais. Ele acredita que todas essas coisas estão ligadas à interação entre a globalização e a transformação da vida pessoal.⁴⁴

Na obra *O Dossel Sagrado*⁴⁵, Peter Berger analisa a “crise de credibilidade” da religião e o seu deslocamento do horizonte da vida cotidiana de setores significativos da população. Para esse autor, a sociedade moderna é caracterizada pelo o processo de privatização da religião, ou seja, sua redução ao domínio do indivíduo ou dos pequenos grupos. Na modernidade torna-se difícil a manutenção de certezas subjetivas.

Considerando tal contexto histórico-cultural, Peter Berger esclarece que:

Modernidade significa um aumento quantitativo e qualitativo da pluralização. São conhecidas as causas estruturais desse fato: crescimento populacional e migração e, com isso, um aumento de cidades – pluralização no sentido físico e demográfico; economia de mercado e industrialização que misturam pessoas dos mais diferentes tipos e que as forçam a chegar a um entendimento mais ou menos pacífico; os meios de comunicação de massa que exibem constantemente e com insistência uma pluralidade de modos de pensar e viver: tanto por material impresso que, com base na

⁴³ GIDDENS, Anthony. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 4 set. 1998. Entrevista concedida em 1993 a José Maurício Domingues, Mônica Herz e Cláudia Rezende. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/179.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2008.

⁴⁴ *Id. Loc. cit.*

⁴⁵ Cf. BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985. 194p. Realizando uma síntese teórica das abordagens sociológicas de Weber e Durkheim, Peter Berger desenvolveu uma compreensão dialética do homem e da sociedade. Para esse autor, a sociedade é um produto humano que retroage continuamente sobre seu produtor. O processo dialético fundamental da sociedade consiste em três momentos: a exteriorização, a objetivação e a interiorização. A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. Em função de uma “instabilidade congênita”, o ser humano precisa construir um “mundo para si”. Assim, a cultura consiste na totalidade dos produtos do ser humano. O conjunto de símbolos que permeia todos os aspectos da vida humana faz parte dos elementos não-materiais da cultura. Sendo parte dessa produção humana, a sociedade não possui “ser algum, realidade alguma, independentemente de tal atividade”. Nesse sentido, a cultura é um produto socialmente construído e tem a função de criar um mundo socialmente ordenado, em face da possibilidade da desordem, do caos. A interiorização é a reabsorção na consciência, pelos seres humanos, dessa mesma realidade objetivada, transformando as estruturas do mundo em estruturas subjetivas da própria consciência. Nesse sentido, pode-se dizer que os “programas” institucionais são “internalizados” na consciência do indivíduo. Uma vez produzido pelos seres humanos, esse mundo ganha “realidade objetiva”, confrontando seus produtores originais “como uma facticidade que lhe é exterior”.

alfabetização massificada, foi difundindo entre a população inteira através da obrigatoriedade escolar, quanto pelos meios eletrônicos mais modernos.⁴⁶

No campo religioso, a conseqüência imediata do pluralismo é a perda da auto-evidência, pois o indivíduo cresce num mundo em que não há mais valores comuns, que determinam o agir nas diferentes áreas da vida, nem uma realidade única, idêntica para todos.⁴⁷ Outrossim, as instituições religiosas presenciaram a total privatização e marginalização social dos seus valores. Agora essas instituições são apenas fornecedoras no mercado de opção religiosa.⁴⁸ Além do mais, a concorrência acontece num contexto bem mais amplo. Para Peter Berger, as igrejas necessitam concorrer com as novas instituições de produção e comunicação de sentido, tais como:

Diferentes tendências de psicoterapia, aconselhamento sexual e profissional (a começar já na escola), cursos especiais e seminário para educação de adultos, secretarias de Estado para o bem-estar social, chefes de pessoal com formação psicológica (ou, melhor, com meia formação na maioria dos casos) e, *last but not least*, os meios de comunicação de massa.⁴⁹

Peter Berger argumenta que diante do pluralismo moderno há duas reações extremas e contraditórias. A atitude “relativista” desistiu de afirmar quaisquer valores e reservas de sentido comuns.⁵⁰ Por outro lado, a atitude “fundamentalista” é caracterizada pela busca do patrimônio simbólico e da reserva de significados da religião por aqueles que necessitam da segurança de respostas prontas, da segurança que o discurso religioso e que o sentimento de pertença a uma comunidade parece conferir aos que procuram construir sua identidade pela adesão a um programa pré-constituído de crenças e condutas.⁵¹

Aprofundando a questão, Anthony Giddens afirma que o fundamentalismo é a “tradição defendida de modo tradicional”.⁵² Esse autor tem desenvolvido a idéia de que se vive numa sociedade pós-tradicional, pois a modernidade mudou o estatuto da

⁴⁶ BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 49.

⁴⁷ Cf. BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Op. cit.*, p. 39.

⁴⁸ Para Peter Berger, duas instituições centrais da sociedade moderna são responsáveis pela compulsão de escolher: a **economia de mercado** e a **democracia**. Cf. *Ibid.*, p. 59.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 67.

⁵⁰ Cf. *Ibid.*, p. 79.

⁵¹ Cf. VASCONCELOS, S. S. D.; PEIXOTO, E. G. H. Identidade(s) religiosas na pós-modernidade: uma reflexão sobre a construção de identidades fundamentalista. In: *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, SP, ano 20, n. 31, dez. 2006, p. 147.

⁵² GIDDENS, Anthony. *Loc. cit.*

tradição. Tradição sob cerco produz “espirais negativas de comunicação”. Violência que atinge principalmente as mulheres. Ao escrever sobre sexualidade e violência, Anthony Giddens diz que há um “fundamentalismo do gênero”. No próximo capítulo, procura-se mostrar os desdobramentos desse tipo violência.

3. A Igreja Presbiteriana do Brasil e o fundamentalismo protestante – As articulações da religião com a política

No campo religioso, os resultados imediatos dessa postura fundamentalista de reação em face das transformações sociais impostas pela modernidade são: (1) misoginia⁵³; (2) manifestação de ativismo político-religioso de caráter conservador. Concomitantemente ao enrijecimento de práticas fundamentalistas no contexto da Igreja Presbiteriana do Brasil, a literatura oficial dessa instituição religiosa evidencia um aumento acentuado de práticas discursivas misóginas. Esse conjunto de práticas misóginas manifestou-se no contexto das intensas transformações sociais ocorridas na última metade do século XX. De fato, houve uma profunda mudança “nas relações entre homens e mulheres, cabendo destacar nesse processo o impacto do crescimento da presença-visibilidade das mulheres em múltiplos e diversificados setores: no trabalho, nas escolas e universidades, na política, nas artes e na ciência”.⁵⁴

Eliane Moura observa que os inimigos mais temidos e vigorosamente atacados pelos fundamentalistas são o feminismo e a emancipação das mulheres.⁵⁵ Para Manuel Castells, o fundamentalismo protestante milita na reafirmação do patriarcalismo, que consiste na santidade do matrimônio (excluindo-se o divórcio e o adultério) e, sobretudo, a autoridade do homem sobre a mulher e a estrita obediência dos filhos,

⁵³ Nas considerações da Comissão Executiva do Supremo Concílio (2005), o movimento feminista foi caracterizado como “filosofia mundana”, maldito, diga-se de passagem, que “mantém as mulheres sob ditame da sensualidade”. Cf. IPB (2005). *Resoluções da Comissão Executiva do Supremo Concílio. CE-SC/IPB-2005 – DOC. CXXIX*. Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br/>>. Acesso em: 29 dez. 2007.

⁵⁴ MATOS, Maria Izilda S. Da Invisibilidade ao Gênero: Odisséias do Pensamento – Percursos e Possibilidades nas Ciências Sociais Contemporâneas. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia – Interpelações e Perspectivas*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 67.

⁵⁵ SILVA, Eliane M. Fundamentalismo Evangélico e Questões de Gênero: Em Busca de Perguntas. In: SOUZA, Sandra Duarte (Org.). *Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 18.

reforçada, se necessário, pela agressão física.⁵⁶ Numa entrevista, Anthony Giddens afirma que:

Isso implica essencialmente o homem normal que se recusa a dialogar com a mulher, e, ao invés disso, a agride. Isso é uma recusa à comunicação, uma forma de fundamentalismo. Vejo, portanto, uma conexão estreita entre a diversidade de fundamentalismos e a violência no mundo moderno, com um tipo de potencial de mão-dupla. Você tem um tipo positivo de espiral de comunicação que a diferença cultural torna possível, de modo que se se é um homem e uma mulher, por exemplo, ou quaisquer duas pessoas, num encontro sexual, pode-se usar isso como uma prova de comunicação, a sua diferença se opõe e joga com as outras diferenças, você pode chegar a uma melhor compreensão de si mesmo e daí por diante. Ou você deixa as coisas se deteriorarem e degenerarem numa espiral de violência e ódio.⁵⁷

De fato, a guerra contra as mulheres é uma maré crescente de violência masculina. Ela está conectada aos temas do fundamentalismo, da diversidade, do diálogo; e, junto com a violência sexual, é um grande problema em algumas sociedades.⁵⁸ Por isso, os aspectos teórico-metodológicos dos estudos de gênero são fundamentais ao desenvolvimento da pesquisa, permitindo relacionar as práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil com o fundamentalismo protestante estadunidense.

Gênero, diferentemente de sexo, é um produto social aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações. Por ser uma categoria relacional, a categoria gênero procura destacar que feminino e masculino, construções sociais marcadas pelas relações de poder, definem-se por meio de um processo de produção da diferença. Por isso, a pesquisa evitará a naturalização das diferenças.

Ao refletir sobre o sectarismo das igrejas evangélicas, Ricardo Quadros Gouvêa também fala de uma “violência de gênero”, pois

as igrejas evangélicas se mostram não somente despreocupadas com a defesa das mulheres e das minorias, mas antes mostram-se elas mesmas opressoras das mulheres e das minorias, como se evidencia claramente pela recusa fundamentalista em permitir às mulheres aquilo que é seu direito bíblicamente sancionado, de exercer plenamente o ministério pastoral, e de participar em condições de igualdade com os homens da liderança e de todas as atividades educacionais e administrativas das igrejas.⁵⁹

⁵⁶ Cf. CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 39.

⁵⁷ GIDDENS, Anthony. *Loc. cit.*

⁵⁸ *Id. Loc. cit.*

⁵⁹ GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A Piedade Pervertida*. São Paulo: Grapho Editores, 2006, p 42.

Atualmente, através da “SAF em Revista”, publicação oficial do Trabalho Feminino, a Igreja Presbiteriana do Brasil reproduz sistematicamente um conjunto de representações sociais tradicionais (mulheres submissas; maridos amorosos; filhos obedientes; pais responsáveis), realimentando práticas discursivas misóginas. Na percepção desses atores sociais, Deus fez a mulher com finalidades bem determinadas. Ela é “companheira e ajudadora”. Não vive com os outros, mas para os outros. São biologicamente definidas para assumir a condição de mães. Além disso, a mulher também é o complemento emocional do homem. No ato da submissão, a mãe/ mulher encontrará sua verdadeira identidade.

Finalmente, nos últimos anos, em nome de um suposto “direito de primogenitura”, a Igreja Presbiteriana do Brasil evidencia um aumento de interesse pelas questões sóciopolíticas da nação.⁶⁰

Na verdade, os movimentos fundamentalistas procuram plasmar a sociedade com seus valores.⁶¹ Daí a necessidade cada vez mais premente de participação dos fundamentalistas na política. Eles pretendem se utilizar dessa participação política, oferecida pela constituição liberal do Estado, para ganhar terreno e conseguir mais influência sobre a sociedade.⁶² Nesse sentido, as conexões com o fundamentalismo protestante estadunidense são evidentes. A atuação política da “bancada evangélica”

⁶⁰ Em matéria não assinada, publicada no jornal “Brasil Presbiteriano” em novembro de 2004, afirma-se que “a Igreja Presbiteriana do Brasil, IPB, já teve seu papel de liderança protestante no Brasil e tem tudo para retomar tal liderança”. O artigo afirma também que a “IPB tem liderado processos saudáveis de transformações religiosas, sociais, políticas e culturais”. Em seguida, o artigo cita alguns exemplos, tais como: aperfeiçoamento do Novo Código Civil Brasileiro e a elaboração da Constituição Brasileira. Evocando novamente o “direito de primogenitura” dessa denominação protestante, o artigo afirma que a relevância da IPB se fará sentir por uma presença estratégica, que faça diferença, capaz de promover transformações no meio evangélico nacional e dar uma identidade reformada à participação evangélica no país. Cf. Direito de Primogenitura - IPB de volta à liderança nacional. *Brasil Presbiteriano*, São Paulo, novembro de 2004. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/versao_pdf/bp_novembro2004.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2008.

⁶¹ Durante a Constituinte brasileira de 1987/1988, a “bancada evangélica” foi notícia de vários jornais e revistas por causa de sua postura conservadora. Os “crentes”, durante muito tempo sustentando suas crenças longe da arena política, pretendiam, agora, que seus pontos de vista religiosos, minoritários em um país de tradição católica e de reconhecido pluralismo confessional, tivessem sua normatividade imposta, pela Constituição, a todos os brasileiros. Para os organizadores do pretendido bloco, acima das controvérsias políticas deveria prevalecer a unidade dos evangélicos na defesa dos bons costumes, na conservação dos valores tradicionais, na reafirmação da não-ingerência do Estado nos assuntos das igrejas, princípios esses que deveriam ser assegurados pela nova Carta. Na Constituinte, além de se mostrarem conservadores na esfera cultural e fundamentalistas na esfera religiosa, efetivamente se alinharam com os grupos mais conservadores em matéria socioeconômica. Ver PIERUCCI, A. Flávio. Representantes de Deus em Brasília: A Bancada Evangélica na Constituinte. In: PIERUCCI, A. Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. cap. 7, p. 163-191.

⁶² CARDOSO, Alexandre; NETO; Manoel de Almeida; LEITE, Cláudio Antônio Cardoso. *Op. cit.*, p. 90.

na Constituinte é paradigmática e exemplifica os desdobramentos políticos dessa visão de mundo:

eles lutaram na Constituinte contra o aborto (considerado crime em nome do preceito bíblico “não matarás”), contra o jogo (que afronta o preceito bíblico segundo o qual devemos ganhar o pão com o suor do rosto, e leva à desagregação da família), contra o homossexualismo (considerado por eles perversão e falta de vergonha que atraem a maldição de Deus sobre o povo), contra as drogas (porta de entrada para a criminalidade violenta), contra o feminismo (que destrói a hierarquia da família patriarcal), contra a pornografia, contra a ilimitada dissolução da sociedade conjugal pela liberação do número de divórcios e a liberação dos métodos contraceptivos abortivos. Em nome da “maioria da sociedade” puseram-se em campo a favor da censura de costumes na TV, no rádio, no cinema e em outros tipos de espetáculos, a favor da educação religiosa nas escolas e, até mesmo, na programação das emissoras de TV.⁶³

Antônio Flávio Pierucci afirma que as relações entre religião e política nos tempos modernos têm sido não apenas diversificadas, multiformes, mas também equívocas, polissêmicas.⁶⁴ No contexto da Igreja Presbiteriana do Brasil, essa afirmação também é verdadeira. Atualmente, a questão gira em torno do projeto de lei 122/06, apresentado pela ex-deputada federal Iara Bernardi (PT-SP) em 2001. A proposta já passou pela Câmara dos Deputados e agora está sendo avaliada pelas comissões internas do Senado, formalidade necessária antes de seguir para votação plenária. Para muitos evangélicos, o projeto, também chamado de “Lei da Homofobia”, entra em conflito direto com o princípio de garantia à “liberdade de religião”.⁶⁵ De fato, no Congresso Nacional, assim como na sociedade, o assunto rende muita discussão. Em “retórica fóbico-persecutória”, o articulista de uma revista “evangélica” afirma que “o Brasil, um país reconhecido no mundo inteiro por sua tolerância e respeito às diferentes raças, etnias e religiões, pode estar diante de uma ameaça iminente à liberdade de expressão e de culto”.⁶⁶ No blog “O Tempora, O Mores!”, Solano Portela, presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil, fala acerca da “imposição do ponto de vista dos homossexuais sobre o restante da sociedade,

⁶³ *Ibid.*, p. 175.

⁶⁴ PIERUCCI, A. Flávio. Religião e Liberdade, Religiões e Liberdade. In: PIERUCCI, A. Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. cap. 10, p. 241-242.

⁶⁵ MORBIDELLI, José Donizetti. Uma Lei, Muitas Polêmicas. *Eclésia*, Rio de Janeiro, RJ, ano 11, n. 121, p. 28.

⁶⁶ STEFANO, Marcos. Existe perseguição religiosa no Brasil. *Eclésia*, Rio de Janeiro, RJ, ano 11, n. 121, p. 32-33.

procurando torná-la mais refém ainda do que já está”. Em seguida, Solano Portela afirma que “a sociedade está se tornando refém de uma visão que age suicidamente contra ela própria, e que abertamente contraria os ideais para a raça humana delineados pelo Criador”.⁶⁷ Para comprovar sua “tese”, este oficial da IPB enumera um conjunto de práticas, tais como: a adoção de crianças por casais de homossexuais; anúncios supostamente sexualmente “educativos”, mas que são promotores da promiscuidade desenfreada; a distribuição gratuita e em profusão de “camisinha”; leis que legitimam a adoção de crianças por casais de homossexuais; os diversos cursos, financiados pelo Ministério da Educação, para professores do ensino fundamental destinados a disseminar a aceitação da homossexualidade; a presença intensa na mídia de homossexuais, que propagam seus estilos de vida; os anúncios televisivos; as paradas de “orgulho gay”.⁶⁸ Enfim, a lista parece não ter fim. Por último, o discurso do líder religioso ganha contornos apocalípticos. Ele afirma que:

A sociedade vai sendo pressionada a aceitar o homossexualismo não como uma distorção da diferença entre os sexos, colocada por Deus nos seres humanos desde a criação, mas como apenas uma opção pessoal. Uma crítica à pregação homossexual, meramente do ponto de vista sociológico, é que nenhuma forma de relacionamento é mais destrutiva e suicida à sociedade do que esta – se praticada na escala que se pretende, levará simplesmente à extinção da raça humana por pura ausência e impossibilidade de procriação.⁶⁹

O ativismo evangelista conservador tem apelos populares muito fortes ao trazer para a arena da luta política demandas de cunho tradicionalista e moralista que, afinal de contas, não deixam de ser demandas reais dos setores populares com estoque muito limitado de informações políticas, apreensão menos articulada dos fatos políticos e da política como política e que, por isso mesmo, não se mostram capazes de separar as esferas da política e da moralidade privada.⁷⁰

⁶⁷ PORTELA, Solano. A Sociedade Refém da Visão Homossexual de Vida. *O Tempora, O Mores!*, 30 mar. 2007. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com/2007/03/sociedade-refm-da-viso-homossexual-de.html>>. Acesso em: 01 jan. 2008.

⁶⁸ *Id. Loc. cit.*

⁶⁹ *Id. Loc. cit.*

⁷⁰ Cf. PIERUCCI, A. Flávio. Representantes de Deus em Brasília: A Bancada Evangélica na Constituinte. *Op. cit.*, p. 166.

Conclusão

Nos últimos anos, em nome de um suposto “direito de primogenitura”, a Igreja Presbiteriana do Brasil evidencia um aumento de interesse pelos processos políticos da nação brasileira, sinalizando uma significativa mudança de postura. Até bem pouco tempo atrás, acreditava-se que política não era coisa de crente. A politização de grupos religiosos levanta uma série de questões. Como explicar o surgimento de protestantes conservadores politicamente ativos e ativistas? No decurso do trabalho, procuramos mostrar que enrijecimento de posturas fundamentalistas no seio dessa instituição eclesiástica estimulou a inserção da Igreja Presbiteriana do Brasil nas questões políticas de nossa nação. Em função de questões histórico-sociais, o sentido geral da ação política que os protestantes se propõem é “conservadora-tradicionalista-restauracionista” dos valores morais sexuais convencionais. Os movimentos fundamentalistas também procuram ampliar seus rebanhos e plasmar a sociedade com seus valores. Daí a necessidade cada vez mais premente de participação dos fundamentalistas na política. Nesse sentido, a pesquisa observou que eles pretendem se utilizar dessa participação política, oferecida pela constituição liberal do Estado, para ganhar terreno e conseguir mais influência sobre a sociedade. Alguns autores encaram o movimento fundamentalista estadunidense como uma reação à ruptura levada a cabo pela pós-modernidade com a ética puritana da austeridade, disciplina e ascetismo, e à predominância, hoje, de um modelo de comportamento hedonista, calcado no prazer e na inovação. Por outro lado, percebe-se que o fundamentalismo permite um reposicionamento doutrinário dos indivíduos, por meio do retorno ao dogma religioso, contra o relativismo dos valores morais, o pluralismo de interpretações e a falta de vínculo comunitário que caracterizam a chamada pós-modernidade. Enfim, o recrudescimento de práticas fundamentalistas deve ser interpretado no contexto dos processos contemporâneos de secularização das culturas e “laicização” dos Estados. Acredita-se que a interação de determinados elementos da modernidade (globalização, pluralismo religioso e secularização, por exemplo) foi responsável pelo fortalecimento de identidades fundamentalistas no contexto do protestantismo brasileiro, notadamente na Igreja Presbiteriana do Brasil.

Referências bibliográficas

Fontes Primárias:

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Atas da Comissão Executiva do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil. 1999-2008*. Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br>>.

_____. *Atas do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil. 1999-2008*. Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br>>.

_____. *Digesto Presbiteriano. 1900-2008*. Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br/Digesto/Digesto%20Completo%20ate%202008.zip>>.

_____. *Manual Presbiteriano. São Paulo*: Editora Cultura Cristã, 1999.

Jornal *Brasil Presbiteriano*, São Paulo. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/versao_pdf/>.

Fontes Secundárias:

11 de Setembro: Ano 2. *IHU On-Line*, São Leopoldo, RS, ano 2, n. 34, p. 1-8, set. 2002. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1161371332.29pdf.pdf>>. Acesso em : 24 mai. 2008.

ALEXANDER, Daniel. Is Fundamentalism an Integrism? *Social Compass*, ano 32, n. 373, 1985. Disponível em: <<http://scp.sagepub.com/cgi/content/abstract/32/4/373>>. Acesso em: 27 de fev. 2007.

ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. – São Paulo: Editora Ática, 1979. 290p.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985. 194p.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

CARDOSO, Alexandre; NETO; Manoel de Almeida; LEITE, Cláudio Antônio Cardoso. O Governo de George W. Bush e o Fundamentalismo Protestante. In: PEREIRA, Mabel. SANTOS, Lyndon (org.) *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 77-98.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 530 p.

GIDDENS, Anthony. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 4 set. 1998. Entrevista concedida em 1993 a José Maurício Domingues, Mônica Herz e Cláudia Rezende. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/179.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2008.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A Piedade Pervertida*. São Paulo: Grapho Editores, 2006.

LOPES, Augustus Nicodemus. *Fundamentalismo e Fundamentalistas*. Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/artigos/download/fundamentalismoefundamentalistas.doc>>. Acesso em: 20 set. 2004.

MATOS, Maria Izilda S. Da Invisibilidade ao Gênero: Odisséias do Pensamento – Percursos e Possibilidades nas Ciências Sociais Contemporâneas. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia – Interpelações e Perspectivas*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 67-88.

MELANDER, Veronica. Os limites da categoria “fundamentalismo” para o estudo de religião e política na Guatemala. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p. 87-118, set. 2000

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002.

MORBIDELLI, José Donizetti. Uma Lei, Muitas Polêmicas. *Eclésia*, Rio de Janeiro, RJ, ano 11, n. 121, p. 26-30.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996. 176p.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 16, n. 47, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 Jul 2007. Pré-publicação.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2005.

_____. *O Desencantamento do Mundo*. São Paulo: Editora 34, 2003. 236p.

_____. “Reencantamento e dessecularização. A propósito do auto-engano em sociologia da religião”. In *Novos estudos Cebrap*. 1997a, nº 49.

_____. Religião e Liberdade, Religiões e Liberdade. In: PIERUCCI, A. Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. cap. 10, p. 241-256.

_____. Representantes de Deus em Brasília: A Bancada Evangélica na Constituinte. In: PIERUCCI, A. Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. cap. 7, p. 163-191.

PORTELA, Solano. A Sociedade Refém da Visão Homossexual de Vida. *O Tempora, O Mores!*, 30 mar. 2007. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com/2007/03/sociedade-refm-da-viso-homossexual-de.html>>. Acesso em: 01 jan. 2008.

SARAMAGO, José. O fator Deus. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 set. 2001. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/arq19.htm>>. Acesso em: 9 fev. 2006.

SILVA, Eliane M. Fundamentalismo Evangélico e Questões de Gênero: Em Busca de Perguntas. In: SOUZA, Sandra Duarte (Org.). *Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. cap. 1, p. 11-28.

SODRÉ, Olga. Globalização e pluralismo. Guerra e violência ou paz e diálogo (A dinâmica da identidade-alteridade e o diálogo inter-religioso monástico na pós-modernidade). In: PEREIRA, Mabel; SANTOS, Lyndon (org.) *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, 2004.

STEFANO, Marcos. Existe perseguição religiosa no Brasil? *Eclésia*, Rio de Janeiro, RJ, ano 11, n. 121, p. 32-33.

VASCONCELOS, S. S. D.; PEIXOTO, E. G. H. Identidade(s) religiosas na pós-modernidade: uma reflexão sobre a construção de identidades fundamentalista. In: *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, SP, ano 20, n. 31, dez. 2006, p. 144-153.